

## RELAÇÕES E REAÇÕES

Major GERARDO L. AMARAL

As considerações que se seguem exigem uma ressalva: traduzem pontos de vista resultantes de observações pessoais. Foram redigidas sem qualquer consulta a texto escrito regulamentar ou não.

\* \*

Mal saídos da Escola Militar tivemos a tão dolorosa quanto útil experiência de 32. Quanta teoria então posta a baixo, e quanta coisa prática nos revelaram aqueles acontecimentos.

Das muitas recordações que nos ficaram, uma nos calou fundo na lembrança: a má vontade com que os "troupiers" recebiam a presença dos oficiais de estado-maior. A não ser um desses, que fôra mestre de várias gerações na Escola Militar e de cuja integridade moral e profissional ninguém duvidava, a visita dos demais, em geral, provocava um grande mal-estar. Naquele tempo em que não havia carros-comando, nem "jeeps", nem outras coisas que hoje tornam a guerra mais ficticiamente "confortável", a presença de oficiais de estado-maior bem fardados, barbeados e engraxados, saltando de seus automóveis, era como que uma provocação à dureza de nossa vida em campanha. E eles não faziam por amenizar tal impressão, fruto de boas e más razões.

\* \*

Passam-se os anos. Na tropa, nosso contacto com oficiais de estado-maior era, digamos, bissexto. Rara vez, mesmo em sede de G.U., vimos-los nos quartéis. Nossos encontros com eles eram ocasionados

pelas visitas dos generais a que acompanhavam, ou quando de nosso eventual comparecimento ao Q.G. Bem pouco, sem dúvida...

\* \*

A Guerra, de que não participamos, ao que parece, muito se deve da melhoria das relações entre os oficiais de tropa e os de estado-maior. Grande foi o número dos que participaram das operações na Itália, quer integrando o Estado-Maior da F.E.B. e os subordinados, quer no Comando e Estado-Maior de Unidades.

A tão expressivo fato, e mais, ao do crescente número de oficiais diplomados pela Escola da Praia Vermelha, pertencentes a várias gerações de oficiais, — a esse grande entrelaçamento de indivíduos e atividades, — se deve a satisfatória situação em que nos encontramos atualmente.

Dai, porém, a que ela seja a ideal, vai longa distância.

Entre nós, ainda hoje, são raras as visitas de oficiais dos estados-maiores à tropa. Deviam, contudo, ser acontecimento quotidiano, normal, em nossa vida profissional.

\* \*

Indaguemos das razões que motivam tal ausência de um contacto tão útil. Elas são várias. Alinhe-mos algumas.

1ª — O Chefe não determina esse contacto.

Porque? — Porque prefira êle próprio ir? — Porque a iniciativa deva caber ao chefe do estado-maior? — Porque os próprios offi-



ciais interessados não se oferecem ?

— Nenhuma resposta às perguntas acima será satisfatória. Não há chefe oniciente, nem onipresente. Se a presença constante dos generais, nos quartéis, é necessária e estimulante, ela, por si só, não atende aos maiores interesses da instrução e da administração. Ele só não pode vêr tudo e tudo resolver.

Supõe-se que um estado-maior seja composto de oficiais de absoluta confiança do general, mesmo que não sejam membros de sua *entourage*. Quando isso não acontecer é que alguém está demais e deve ser removido. Dentro dessa preliminar — a da confiança — não há motivos para evitar contactos que só podem ser benéficos ao Comando. Os oficiais visitantes prolongarão a ação do Chefe, irão aos detalhes que fatalmente lhe escaparão.

Parece-nos que cabe ao Chefe do Estado-Maior da G.U. programar tais visitas e levar o assunto ao conhecimento e aprovação do General.

O que nos parece menos recomendável é que o próprio oficial do estado-maior se ofereça para fazê-las, ou as faça por conta própria.

2ª — *Os afazeres burocráticos não deixam tempo para tais visitas.*

Esta razão não tem maior consistência. De fato há dias, semanas mesmo, em que o trabalho das secções é intenso, absorvente. São crises que ocorrem, de raro, e sempre previstas. No mais, haverá sempre tempo para um contacto com os companheiros arregimentados e, in-loco, conhecer seus problemas que são os de todos.

3ª — *A reação dos Cmts. de Corpos e de seus oficiais.*

Eis uma razão bem delicada, apesar de absurda. Se o Cmt. possui o curso de estado-maior sente-se agravado com a suposta fiscalização de um camarada geralmente menos graduado. Se ele não é diplomado torna-se, por isso mesmo, mais cioso de suas prerrogativas hierárquicas. *Mutatis mutandis*, o

mesmo pôde ocorrer com os demais oficiais do Corpo.

São sintomas de inferioridade que se deve combater com lisura e persistência. Ignorando a reação e aperfeiçoando as relações.

• •

Mas, passemos ao outro lado.

Contaram-me, há tempos, que um oficial recém-diplomado alardeava sua alta capacidade dizendo-se apto a versar qualquer assunto sobre a segurança nacional, quer no terreno militar, quer no campo da política, economia, etc... É evidente o exagero. De quem o disse, se disse. De quem o repetiu, floreando, se é que ouviu algo. Mas o episódio é significativo.

É preciso que o oficial de estado-maior tenha o maior interesse em não se fazer destacado. O trabalho que lhe cabe só terá valor se for anônimo, se não levar a "marca da fábrica", mas se exprimir, isto sim, a idéia de seu chefe. Se ele fugir a isto, deixa de ser o oficial de estado-maior para ser o próprio Chefe. Inverterá, assim, a hierarquia.

Ele não é, também, como queria fazer crer o da anedota acima, um sábio. Não. Poderá vir a sê-lo mais tarde, muito mais tarde. Mas não o será apenas com a sua bagagem escolar. Aos seus esforços culturais haverá que juntar a observação e o exercício das coisas práticas, no que muito aprenderá, *aprenderá* repetimos, com os camaradas arregimentados. Despido, assim, de uma fatuidade nociva à sua boa recepção pelos companheiros, deve ele lembrar-se que as situações se invertem com frequência, se outros argumentos mais elevados não lhe ocorrerem.

• •

A nosso ver as visitas de oficiais de estado-maior aos Corpos não têm a finalidade escusa que muitos lhes emprestam. Eles não vão *espionar*; vão ver. Ver e aprender. Conhecer os problemas no próprio meio onde eles se criam e são re-



solvidos. Verificar da possibilidade, ou não, da completa execução das Diretrizes baixadas pelo estado-maior. Sentir a realidade, para propor soluções razoáveis.

Um oficial de estado-maior não comanda, mas tem suficiente capacidade para transmitir uma decisão de seu Chefe, no todo ou em parte, e assumir a responsabilidade do que diz ou faz em nome dele. Negar-lhe essa capacidade e esse dever é negar a existência da organização militar. E o Chefe que assim não compreender, que julgar a iniciativa de um seu auxiliar como um excesso de autoridade, demonstrará que não não foi antes, como

devera ter sido, um oficial de estado-maior.

\* \*

As grandes guarnições oferecem muita oportunidade para as visitas a que aludimos. Porque não são elas incrementadas? As guarnições do interior terão que ser menos frequentes, mas não devem ser tão relegadas como o são atualmente. Um melhor e mais frequente entendimento entre os elementos do comando e os de execução só poderão ser benéficos a ambas as partes interessadas, mas, sobretudo, ao próprio Exército.

## O GENERAL

"Não basta a um general ser valoroso, precisa saber fazer com que seus comandados o sejam."

\* \* \*

"Para captar a afeição dos subordinados, objeto da maior relevância, nem sempre se pode fazer benefícios, mas ao menos pode-se cooperar de sua alegria, de sua dor e ajudá-los a vencer seus males."

\* \* \*

"O general para levar vantagem sobre o inimigo, há de ser insidioso e dissimulado; saber incutir-lhe certo grau de confiança, para apanhá-lo descuidado; deixar-se perseguir para pô-lo em desordem; atraí-lo para posições vantajosas para o acometer."

\* \* \*

"O general deve saber criar por si mesmo estratégias. Assim será muito mais aplaudido."

\* \* \*

"O general para ter soldados animosos há de captar sua afeição com bons modos e liberalidades."

\* \* \*

"Um general prudente, quando marcha contra o inimigo, coloca o exército de modo a poder manobrar expeditamente e à segurança pospõe a velocidade."

\* \* \*

"Tanto vale um general ocioso quanto um lavrador negligente."

\* \* \*

"Um chefe que se irrita contra todos os seus subordinados comete um grande erro e se a muitos intimida muitos inimigos faz."

\* \* \*

"Quando os soldados sabem que o general os trata com desprezo, os valentes se acovardam e os covardes tornam-se insolentes."

(Extratos da CIROPÉIA, conforme a tradução portuguesa de João Felix Pereira, transcrito de "Estudo Histórico sobre a guerra antiga", do Coronel J. B. Magalhães.)